

25-09-2020

DESABAFO DE UM CIENTISTA OTIMISTA

Marcos Besserman Vianna

[Coordenador do Departamento de Direitos Humanos,
Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Existem idiotas e corruptos que pensam que a vida é uma linha reta e, assim, nunca precisamos olhar para trás ou para os lados. Mas os sábios, desde tempos remotos, consideraram que tudo gira e ninguém sabe como as coisas acabam, e que sempre há um novo caminho. Portanto, continuamente teremos decisões a tomar, originando esperança ou utopias.

Para Fernando Birri, na voz de Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Tudo o que existe são perguntas e curvas. As linhas retas são fruto da imaginação de alguns desviantes, que compreendem negativamente o que é viver. Que não sabem que o melhor é andar por aí olhando as coisas agradáveis, belas, cheias de curvas, abruptas e suaves que nos rodeiam. A vida está cheia de mentiras e meias verdades, e nunca temos certeza de nada. Eu gosto disso! Tenho muito pouca fé nas verdades universais. Sei que o sofrimento não é nada bom. Como médico me deparei com muitos sofrimentos humanos inimagináveis, mas sou convicto de que precisamos nos libertar da chantagem da felicidade. A felicidade e a perfeição são superstições derivadas de crenças religiosas, que usam dessa chantagem para alcançar os seus objetivos. Inadvertidamente criam alguém desprovido de inteligência emocional e respeito pelo outro.

Não há uma linha reta nas histórias da vida, não há uma verdade absoluta. Quem quiser que entendamos diferente está nos afastando do conhecimento e perpetuando situações de passividade ou de ódio aos diferentes.

No início, a religião controlava o indivíduo, depois vieram as convicções morais e políticas, depois um sentimento de solidariedade universal. E agora? Agora nós temos o canto individual da internet, onde qualquer estúpido pode retirar seus palpites da obscuridade e permanecer anônimo!

Se o assassinato online não fosse um crime, as pessoas correriam para liquidar seus pares sem pensar duas vezes.

O povo das fake news não tem nenhum respeito pela vida ou pela morte dos seres humanos que não lhes interessam.

Assim, se divulgam inverdades e fantasias de todo tipo, contra o uso de máscaras, que as vacinas virão com chips, que a pandemia foi criada por um grupo para obter vantagens, que a pandemia está controlada, que é seguro voltar a circular, e assim infinitamente. Não creio que a verdade resplandecente emergirá iluminando o sagrado Estado de direito.

Estou mais próximo do científico, se esse é um termo que eu posso usar para me fazer entender. Os cientistas agem com o desejo de saber, cientes das suas limitações.

Todos nós cientistas acabamos meio loucos; mas é preciso ser um pouco louco para viver, ficar pensando em buracos negros, bóson, fóton, gluón, crise climática - pirante mas necessário -.

A vida não tem sentido, mas peraí, eu não sei. Será que não podemos nos resignar a inventar um? É para isso que estamos aqui. Se, como dizem, as palavras são levadas pelo vento, com os silêncios não há nem essa possibilidade.

Existem pessoas a quem a vida não deu a menor oportunidade, pessoas sem esperança desde o nascimento.

E se de repente entenderem que tem um jeito, que detêm um conhecimento construído pela vida indigna que lhes foi imposta, e que podem adquirir novos conhecimentos se lhes for dado pelo Estado essa possibilidade, se alguém lhes der a menor opção... podem aproveitar, estou convencido.

Podemos nos dar, porque queremos fazer alguma coisa, porque queremos algo que melhore para nós ou para os outros, ou porque podemos contribuir com alguma coisa, ou não sei. Mas temos obsessões. Temos ilusões. Até os animais têm ilusões. Até as árvores dizem que têm ilusões.

As árvores querem criar bem seus filhos, dizem, e querem se dar bem com outras árvores. Cada um é como é.

O que acontece é que nunca temos tempo ou desejo de descobrir o outro. Existe uma enorme diferença entre o que você quer, muitas vezes te fazem entender como 'o que' você quer ter (consumo) e o que pode ser feito por outro.

Saúde passou a ser um objetivo a ser conquistado compulsivamente, trabalho passou a ser excessivo!

Nesses tempos, uma boa comida, amizade, risos, beber um vinho, admirar a natureza sem fotografar com o celular, e coisas assim, que são o fogo capaz de aquecer a alma, supondo que ela existe é claro, são considerados desvios de atenção para os supérfluos. Já que influenciar o que é realmente importante é proibido para nós, colocamos toda a nossa paixão nessa merda de cuidar compulsivamente da saúde, de sermos eficientes no trabalho. Ninguém está pensando em se rebelar ou fazer revoluções... Sim, desviamos a atenção para o supérfluo, e não mais para o que realmente importa na vida.

Non se pode viver sem fé na humanidade.

Viver sem esperança é uma coisa terrível.

É preciso também pensar que existe um futuro, que os tempos ruins sempre passam, que pode haver um mundo com respeito à dignidade de todos, humanos e outros seres, com respeito à natureza e ao conhecimento.

Posso crer que estamos passando por um tempo, uma curva na história, que vai dar origem a novas revoluções, outros caminhos, somos humanos sabemos que sempre existe algo novo, que na geometria invisível do universo das curvas espaço-tempo, o fascismo será derrotado e a força mais perturbadora e poderosa do mundo prevalecerá.

A EMPATIA. Ou não sabemos?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.